

AVANÇOS EM

Literatura e Cultura Portuguesas.
Século XX. Vol. 3

Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas.
Século XX. Vol. 3

1ª edição: Abril 2012

Petar Pretov, Pedro Quintino de Sousa, Roberto López-Iglésias
Samartim e Elias J. Torres Feijó (eds.)

Santiago de Compostela-Faro, 2012
Associação Internacional de Lusitanistas (AIL)
Através Editora

Nº de páginas: 322

Índice, páginas: 5-6

ISBN: 978-84-87305-59-7

Depósito legal: C 595-2012

CDU: 82(09) Crítica literária. História da literatura.

© 2012 Associação Internacional de Lusitanistas (AIL)
www.lusitanistasail.net

© 2012 Através Editora
www.atraves-editora.com

Diagramação e impressão:
Sacauntos Cooperativa Gráfica - www.sacauntos.com

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

**A LITERATURA PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE
DE MARIA DO CARMO RODRIGUES**

Leonor Martins Coelho
Universidade da Madeira
Centro de Estudos Comparatistas (FLUL)

“Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os Ideais e Valores ou Desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e fundamenta...)”

(Nelly Novaes Coelho,
Literatura Infantil: teoria, análise, didáctica)

Movida por um notável espírito cívico atento aos problemas sociais que afectam a infância e a juventude, Maria do Carmo Rodrigues dá início à sua carreira de autora de textos destinados aos leitores mais novos na década de quarenta. Desde essa altura, participa regularmente em suplementos infantis de diários nacionais e em produções de teatro infanto-juvenil. Destaca-se, porém, com uma produção narrativa contínua, publicada regularmente desde a década de sessenta. Com efeito, em 1964, dá à estampa o seu primeiro livro, intitulado *Dona Trabucha, a Costureira Bucha*, com a chancela da Portugália Editora. Na viragem dos anos sessenta para os anos setenta, dirige o semanário *A Canoa* (1969-1971) a partir da ilha da Madeira, apoiando-se na colaboração de escritores continentais de valor já reconhecido (Matilde Rosa Araújo, Alice Gomes, Madalena Gomes, Lília da Fonseca, Maria Isabel Mendonça Soares, Maria Rosa Colaço, Ricardo Alberty) ou nas vozes insulares que viriam a marcar a cultura madeirense (Luíza Helena Clode e Irene Lucília Andrade, entre outros). Maria do Carmo Ro-

drigues pertence, assim, a esse grupo de autores dos anos pós-guerra e pré 25 de Abril que preparou o terreno para o *boom* da literatura para jovens no Portugal dos anos oitenta.

Com uma vida dividida entre a ilha da Madeira e o Continente (a grande Lisboa), a sua obra vai reflectir os lugares que a autora conhece bem e, sobretudo, todo um conjunto de preocupações com a formação moral e cívica dos jovens. Efectivamente, os seus livros visam enaltecer a educação como forma de promover uma sociedade mais justa e instruída. Por via de um fino humor e de um jeito próprio para “contar histórias”, os seus livros não idealizam a infância e a juventude, mostram-na antes num quadro referencial reconhecível, sem nunca lhe retirar espaço para a imaginação e o sonho. Nos enredos criados, a voz do texto institui os vectores da liberdade, da fraternidade, da compreensão do outro e da imprescindível presença familiar no processo de crescimento saudável da criança e adolescente. Não descurando a vertente lúdica, a literatura de potencial recepção infantil e juvenil de Maria do Carmo Rodrigues permitirá o enriquecimento deste ser em permanente (re)construção que deverá combater discriminações, valorizar a auto-estima e a sua formação intelectual, defender a solidariedade e a ética, bem como o sentido de responsabilidade e de partilha.

Assim sendo, procurar-se-á traçar um breve quadro das principais linhas de força temáticas que estruturam e individualizam a obra em apreço, partindo do tópico “Entre o lúdico e a formação: propostas de fruição”, com vista a desvendar o modo como a autora procura envolver o jovem leitor (7-10 anos) no universo que ela lhe propõe, entre-vento a correlação entre os ideais evidenciados nos textos e o contexto da sua produção. Seguidamente, abordar-se-á o eixo de leitura “Aventuras e (re)encontros: do poder da palavra à força da acção”, para caracterizar relações entre contexto social, lição de vida e escrita, através de uma análise de projectos literários que Maria do Carmo Rodrigues dirige à juventude.

1 – Entre o lúdico e a formação: propostas de fruição

Numa época em que o regime controlava de perto a edição de livros, a escritora publica *Dona Trabucha, a Costureira Bucha*. Ainda que de forma subtil, nele ousa combater o preconceito, defender a essência, promover a concórdia e, sobretudo, propor uma mudança para um renovado entendimento da pequena sociedade operária constituída por Dona Trabucha e seus ajudantes, o Dedal, a Agulha, a Fita Métrica, a Tesoura e, por fim, a Folhinha. Apesar de viver num modesto quarto nas águas-furtadas, a costureira detém o poder de ouvir as vozes dos animais e das coisas, transformando as vicissitudes do quotidiano, auxiliando os entes queridos, defendendo a justiça e condenando as disforias do seu tempo. Ao encenar o acolhimento de Folhinha no seio desta ‘comunidade’, a escritora evoca o abandono dos idosos e o desrespeito pelos seres mais vulneráveis numa sociedade que valoriza a aparência e a juventude. Este sentido utópico acentua-se na breve encenação teatral do capítulo quinto. Aí, a voz do texto irá condenar um sistema que oprime e humilha: “Quando o Joãozinho for um rapaz crescido, estudará estes problemas a fundo e contribuirá para que haja mais justiça no mundo” (Rodrigues, 1964: 36). Esta escrita que apela à mudança está igualmente presente no capítulo décimo primeiro que pode constituir-se como um texto autónomo dentro da narrativa principal. Nele se destaca a crítica ao pretensiosismo e ao conluio, erguendo-se como um hino ao voluntarismo dos mais novos. Trata-se de revelar que o contributo das gerações mais novas é fundamental para se constituir uma sociedade aberta e dialogante. Este livro concilia o divertimento e a aprendizagem, nomeadamente nas múltiplas histórias explanadas por Dona Trabucha, que reenviam para assuntos literários, históricos, culturais e civilizacionais. Prevalece, todavia, na escrita da autora o divertimento e a magia patentes na encenação do casamento da boneca Lili. Privilegiando a imaginação, a arte e a cultura, a escritora exalta, pois, a imaginação, a efabulação e o sonho.

Esta preocupação com o saber criativo e reflexivo manifesta-se, também, em *Camélias Brancas*. Publicado em 1980, no Funchal, o livro

contém doze narrativas breves que giram em torno das vivências da pequena Rosalina, na pacata ilha da Madeira. Junto da família, em particular do avô marceneiro, do pai, motorista de autocarro, e da mãe, que se encontra grávida, a protagonista desenvolve vários jogos e actuações próprias da idade. Numa fase que oscila entre a candura e essoutra mais consciente e solidária, as brincadeiras irão permitir superar os malogros de uma época de poucos recursos materiais. A unidade do livro assenta numa estruturação bem conseguida: cada narrativa constitui uma ocorrência da vida da pequena Rosalina e abre com um mote. Trata-se de uma fórmula bastante eficaz para reter a atenção do ouvinte ou do leitor. Veja-se, a título de exemplo, o *incipit* dos dois primeiros textos: “Camélia branca na mão, Rosalina sorria. Sorriso nos olhos dourados igual a uma pétala branca a voar” e “Cestinho de vimes na mão, Rosalina sorria. Sorriso nos olhos dourados igual a uma gaivota, asas abertas no céu azul”. Depois deste ritmo cativante, desenrolar-se-á o motivo/tópico/assunto do episódio narrado. Os eixos temáticos deste livro desenvolvem-se em torno da amizade, do respeito para com os elementos da Natureza (vegetal e animal) e do afecto entre a neta e o avô. Contudo, a exaltação do sentimento amoroso, a crítica ao ilusório e a apologia do essencial são também tópicos valorizados. É de salientar, ainda, a preocupação pedagógica da escrita de Maria do Carmo Rodrigues no que diz respeito à compreensão do Outro, do Diferente e da sua aceitação. Com efeito, a escrita desta autora tende a desconstruir estereótipos na medida em que a maldade e a vilania não são traços geneticamente herdados. Contrariando as posições racialistas herdadas ainda do século XIX e que atribuíam a vilania a outras raças, em “Rosalina e a Joaninha, a boneca de trapos”, ficará demonstrado que comportamentos preconceituosos podem ser perpetuados por companheiros ou vizinhos: a boneca de trapos confeccionada pela mãe será desvalorizada pelas colegas de escola, donas de bonecas plastificadas e padronizadas, ao gosto da última moda. Refira-se, por último, o diálogo inter-geracional que a sua escrita comporta: o avô de Rosalina, ora brincalhão com a neta, ora minucioso no seu ofício, será sempre um adulto responsável, atento e transmissor de saberes. Reeditada em 1988, com o título *O Jardim de Rosalina e Outras Histórias*, esta obra salienta, em suma, a amizade com pessoas mais ve-

lhas e sós (“O meu amigo”), sublinha o respeito pelos animais (“Malhadinha”) e chama, ainda, a atenção para a inconstância e a marionetização (“O Teatro de fantoches”) do mundo actual.

Além das mensagens educativas que perpassam os seus textos, a escrita de Maria do Carmo Rodrigues apela, igualmente, ao sonho e ao sentimento lírico. O anseio pela liberdade e pelo onírico atinge o seu clímax em *Sebastião, o Índio*, publicado em 1982. Composto por vinte pequenas estórias interligadas pelos devaneios do protagonista, este livro sublinha as aspirações de Sebastião. Através da capacidade de inventar mundos alternativos, o menino, que desejava ser índio, parte para inúmeras aventuras. A dupla, Sebastião com seu cão, vai representar o espírito de liberdade que a escritora tanto preza. O cão, chamado Leão, consegue transformar-se num cavalo indomável e, nesse maravilhoso mundo da imaginação, os heróis encontram a Grande Águia que voa sobre a montanha e as praias de calhau. Deparam-se com o Coelho-Fórmula-Um e, nas várias viagens que esta aventura proporciona, encontram um Pavão-Arco-Íris, a Cabra-Flecha-de-Prata e outras figuras a lembrar que a convivência entre seres diferentes é possível. Surge, ainda, o Passarinho-Biquinho-de-Lacre que aconselha Sebastião a ser pragmático. A moral das estórias é sugerida por Cabra-Flecha-de-Prata: “Como os homens, as árvores têm qualidades e defeitos. Devemos pensar nas qualidades de cada um e nunca nos seus defeitos, para podermos gostar de todos igualmente!” (Rodrigues, 1982: 49). Entre o Uno e o Diverso, Sebastião reflectirá, ainda, as múltiplas identidades que o definem. Nesta notável capacidade de efabulação, o protagonista trava conhecimento com Índia que lhe pede que o cavalo Raio-de-sol corra em liberdade no seu jardim. Ao defender a liberdade, Sebastião será distinguido com um prémio de mérito e de louvor.

Vindo a lume em 2002, *João Gomes do Gato* impõe, desde logo, um protocolo de leitura: “João Gomes” reenvia para a História da ilha da Madeira. No século XV, João Gomes (da Ilha) foi pajem na casa do Infante Dom Henrique. Poeta e trovador de mérito reconhecido, as suas rimas figuram no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. Esta alusão à História da ilha da Madeira é inserida na ficção ao ser contada pelo Dr. Manuel da Casa Alta ao afilhado João Gomes, uma criança prestes a

completar oito anos, que tem por fiel companheiro o gato Gravata. Narradas em *mise en abîme*, surgem encaixadas na narrativa principal, quer “A História de João Gomes da Ilha”, quer “A História de Adão e Eva na Ilha e o que antes se passou”, quer “A História dos Corsários”; esta última permitindo compreender a importância do Forte de São Tiago, antiga fortaleza do Funchal que abriga actualmente o Museu de Arte Contemporânea. Intercalados com o texto de base, estas três narrativas estão destacadas pelo título e pela utilização da fórmula hiper-codificada “Era uma vez...” e “Havia terminado...”. Elas permitem ao jovem leitor conhecer dados que fazem parte da História da sua terra, da sua cultura e identidade. Uma vez mais, a escritora sustenta o elo entre instrução e divertimento para uma pedagogia apelativa e eficaz. Aliás, as agruras da vida, a que está atenta, ditar-lhe-á os inúmeros conselhos que são colocados no decorrer da(s) estória(s) narrada(s). Destaque-se o auxílio e amor que um filho deve prestar aos pais. Augusto Pescador não consegue evitar o vício do álcool. Contudo, no Dia do Pai, o pequeno João transmitir-lhe-á uma mensagem de amor numa carta escrita na escola. Redigida, assim, sob o signo do afecto, esta missiva poderá alterar o comportamento do progenitor.

Publicado em 2005, o livro *As Aventuras de Chico Aventura* prima, sobretudo, pela sensibilidade e humor com que a autora aponta os problemas da sociedade: ora a questão da emigração e as dificuldades de uma mãe que educa sozinha um filho, ora as preocupações ecológicas que o protagonista vai desenvolver, ora o seu relacionamento difícil com o pai, um torna-viagem endinheirado e propenso a vaidades e exibicionismos. Este livro é significativamente marcado por catorze aventuras que vão desde o nascimento de Chico até à sua (quase) entrada no mundo adulto. O nascimento do herói, ocorrido no Quilómetro 14, no dia 14 de Julho, entre a freguesia rural onde morava sua mãe, a Madalena do Mar, e o Funchal, a única localidade com hospital na Madeira, foi, desde logo, uma aventura já que o parto ocorrera na estrada do Bom Fim. Porém, a mãe dirá que Chico nasceu “numa freguesia chamada Bom Princípio” (Rodrigues, 2005: 15), alimentando, desta forma, o desejo de uma vida nova e promissora. Já o registo do seu nascimento na Conservatória denuncia a teimosia do funcionalismo público. Perante a insis-

tência do funcionário que deseja incluir o apelido do protagonista na sua identificação oficial, o pequeno será registado como Chico Só, identificação que reenvia, não para a solidão e a dor, mas antes para o sonho materno feito de esperança e de ternura. Com efeito, desde a primeira gargalhada que um melro lhe provoca aos primeiros passos em direcção a uma borboleta branca, adivinha-se que o jovem terá uma vida menos austera do que aquela que a mãe conhece no cultivo árduo da terra. Aprende a ler, experimenta as vicissitudes do mundo escolar, querela-se com João, de quem se tornará amigo, cresce sem o pai, emigrado na Venezuela, partilha as preocupações ambientalistas de Lourenço e descobre a amizade com Francisca Sá, uma menina negra. Os dois amigos, que os nomes aproximam (Só e Sá) numa simetria inclusiva, filiam-se no Movimento Ecológico, desvendam planos incendiários de jovens problemáticos, conquistam o respeito do proprietário do pinhal visado, solucionam as lacunas de higienização que um aviário necessita com urgência. Quando Chico ensina a mãe a ler, o texto releva, por um lado, que esta pode acompanhar o filho no seu crescimento e, por outro, que a formação pode ter lugar ao longo da vida. Simbolicamente, a 14 de Dezembro regressa o pai. Esta chegada inesperada permite a reunião familiar, mas desvenda, também, os gostos desmedidos do novo-riquismo. Defensor do património cultural e arquitectónico, o filho convencerá o pai a recuperar um solar do século XVIII, em vez de construir uma casa ostentosa. Revelando uma cuidada coesão estético-linguística, este livro centra-se, de igual modo, na transmissão de valores indispensáveis para a afirmação da cidadania crítica e reflexiva. Visando uma consciencialização ecológico-ambiental e uma sensibilização para a partilha sociocultural, a escrita de Maria do Carmo Rodrigues abre-se, portanto, à intercomunicabilidade e promove o crescimento intelectual e psicológico saudável do leitor/ouvinte.

Editado em 2002, o livro *Tiago Estrela* encena as vivências do protagonista e de vários amigos residentes no mesmo prédio, no bairro da Estrela, em Lisboa. Filho mais novo de Miguel Jardim e de Maria Rosa, Tiago tem duas irmãs Joana Maggi e Marta Chocolate. Desde logo se depreende que cada personagem tem um cognome que caracteriza as suas particularidades: Joana prefere o caldo Maggi às sopas de legumes e a

irmã é doce como o chocolate. A partir daí, desdobram-se outros sobrenomes que anunciam as principais características dos residentes do prédio: Pedro Chiclete, Gonçalo Esparguete e Carlota Iogurte incidem, assim, na preferência alimentar dos mais novos. Neste diálogo com a sociedade global, a escritora revela conhecer as preferências dos pequenos que pertencem à geração dos Dragon Ball e do zapping televisivo. Porém, a autora não descarta outros assuntos que marcaram a realidade portuguesa de um passado recente. Neste sentido, Inês Queixinhas só recupera a alegria de viver com o regresso de seus pais, emigrados em França, por razões económicas. Apesar das manifestações de carinho do avô Manuel, as saudades eram, mesmo assim, muitas. A autora sugere que a presença dos progenitores é primordial para o desenvolvimento saudável da criança. Neste livro, os casais superam sempre as dificuldades do dia-a-dia. É o caso dos pais de Tiago que representam o casal tradicional, ela mais atenta, ele mais severo. Também os pais de Pedro, Gonçalo e Carlota traduzem a harmonia que a alcunha indicia: sempre em sintonia, Luís Queijo e Luísa Faca são uma companhia tranquilizadora na vida dos filhos. A escritora promove, deste modo, a cultura do companheirismo e da estima, bem como o contributo de outras companhias para o desenvolvimento emocional das crianças. Assim, Dona Céu azul, a madrinha de Tiago, será uma presença salutar nesse processo formativo. Note-se, por fim, que este livro incentiva o gosto pela Matemática, através do exercício lúdico em torno de questões de aritmética, bem como a aprendizagem da língua portuguesa, graças aos múltiplos provérbios que pontuam o texto, contribuindo esta estratégia discursiva para desafiar a memória e a concentração do jovem leitor.

Nas obras até agora analisadas, destinadas, sobretudo, aos mais novos (7-10 anos), verificou-se um cuidado especial em defender a força libertadora da imaginação, os bons exemplos e a compreensão mútua. Nas propostas literárias que vamos abordar de seguida, destinadas a pré-adolescentes e adolescentes, aferir-se-ão enredos que colocam em acção jovens confrontados com o mundo dos adultos. Ao negociarem o seu papel na vida da família, nessa vontade de perceber o mundo, eles darão provas de uma grande capacidade de decisão, de autonomia e de responsabilidade.

2 - Aventuras e (re)encontros: do poder da palavra à força da acção

Poder-se-ão destacar quatro livros que encenam as aventuras de pré-adolescentes ocorridas na Madeira ou nos arredores de Lisboa: *O Vencedor* (1964), *Chamo-me Leovigildo - Páginas de um Diário* (1974), *A Jóia do Imperador* (1992) e *A Mensagem Enigmática* (1993). Não chegando a constituir uma “série” à semelhança dos livros de Ana Maria Magalhães e de Isabel Alçada, estes quatro textos de Maria do Carmo Rodrigues relatam também as aventuras vividas por jovens, unidos por laços de amizade e de sangue. Através de um enredo cheio de *suspense*, as narrativas propõem o desenvolvimento físico, intelectual e afectivo dos protagonistas que pertencem a um mundo relativamente coeso e organizado, espelhando, desta forma, a visão de uma sociedade perfeita e de um modelo familiar feliz. Ao projectar na sua escrita uma humanidade idealizada, os livros que a autora dirige a crianças e jovens representam, pois, artefactos culturais que traduzem as condições históricas do momento na sua relação com uma sociedade que se abre para um mundo outro, configurado num diferente entendimento do meio social e na complementaridade de diversas formas de experiências afectivas e inter-generacionais.

Constituído por dezasseis capítulos, *O Vencedor* dá a conhecer as aventuras dos irmãos Diogo, Isabel e Ana, residentes na Madeira, numa quinta no Monte. Auxiliada por caseiros que tratam das terras e pela velha Júlia, governanta e cozinheira, a família retratada por Maria do Carmo Rodrigues, de recorte algo autobiográfico, (con)forma-se no modelo burguês: o pai, médico, vive ao ritmo de uma profissão exigente; a mãe, instruída e atenta, permanece em casa para supervisionar a educação dos filhos. A esta concepção idílica não faltará a presença assídua dos avós maternos, António e Maria, e dos amigos, em especial o Pedro e a Helena. Com um traço esquemático que capta a característica de cada interveniente e com uma trama bem urdida, a escritora apresenta os protagonistas e o projecto que ocupará os mais novos durante as férias de Verão: Isabel, a sonhadora, Diogo, o pragmático, e Ana, a menina encantadora, têm por companheiros o cão Tápico, imponente e brincalhão, e Joaquim, o filho do caseiro, jovem sério e habilidoso. Concluído o ano escolar, as

brincadeiras dos protagonistas giram em torno da construção de um barquinho, seguindo as instruções propostas por uma revista. Porém, o pai autoriza somente o fabrico de um modelo a vela para navegar na pequena lagoa da quinta. Uma forma de contrariar o despesismo que a compra do motor impõe e de impedir os perigos que a navegação no mar ocasiona. Para além de se evidenciar o trabalho profícuo em grupo, cada qual disponibilizando o seu tempo e os seus dons, serão de destacar outros preceitos desdobrados ao longo das múltiplas aventuras: a mãe ensina-lhes o respeito à privacidade; a Isabel condena a sobrançeria com que os ricos encaram os desfavorecidos; aprova-se o convívio inter-geracional; valoriza-se o trabalhador empenhado. Se a escrita de Maria do Carmo Rodrigues ensina a verdadeira amizade, ela promove, também, novas emergências sociais desde que alicerçadas no labor e na seriedade. Compreender-se-á que, no final do livro, o médico decida ajudar Joaquim a alcançar o sonho de uma vida menos sofrida. Assim, em vez de ficar confinado ao destino que a sua condição social impõe, poderá deixar a carpintaria e enveredar por estudos em Arquitectura que lhe possibilitem um futuro melhor. Desta forma, este livro abre novas perspectivas de um quotidiano inter-relacional diferente. Texto portador de significado e mensagens, a narrativa prepara o leitor mais jovem para um crescimento intelectual e psicológico saudável e dialogante. Entre a infância e juventude ficcionada e essoutra real, o sentido de educabilidade de Maria do Carmo Rodrigues orienta o leitor para um mundo alicerçado nas noções de empenho, de responsabilidade e de consciencialização dos actos realizados. Neste sentido, o desenlace não só permite que os protagonistas ascendam ao *topos* do heroísmo e da valentia¹ como também exalta o sentido de empreendimento e uma certa ousadia. Este livro conjuga o valor literário e o cunho pedagógico, sustentando, assim, a proposta de Regina Zilberman (1987), quando refere que a ficção, em particular a literatura para a infância, tem um cariz formativo e pretende instruir o indivíduo para que compreenda melhor a sociedade em que vive.

¹ Eis a situação: encontrando-se a Ana num estado de saúde preocupante, Diogo e Joaquim resolvem colocar um motor no barco e lançam-se ao mar, rumo à Ribeira Brava, a fim de trazerem os pais da pequena, presos nessa localidade por uma aluvião que encerrou a única estrada de acesso ao Funchal.

Por sua vez, composto por uma sequência de cinquenta narrativas, *Chamo-me Leovigildo - Páginas de um Diário* salienta as tropelias de dois irmãos com personalidades opostas, lembrando que a sociedade é formada por múltiplas identidades que devem saber inter-agir. Leovigildo, de onze anos, afigura-se calmo e ponderado. Susana, a irmã de dez anos, irrequieta e aventureira, tem uma grande capacidade de persuasão. Vivem em Oeiras, numa moradia com jardim. O pai, chamado Afonso, é médico e a mãe, Eugénia, é professora do Ensino Secundário. A escritora volta a retratar um mundo burguês, uma família pacata, um lar feliz. Espelhando os sinais dos tempos, a mãe já não está confinada ao lar e à vigilância dos mais novos. Numa sociedade em mutação constante, na inevitável adaptabilidade ao presente, a mulher envereda agora por uma profissão, muito embora siga a trajetória dos ‘ofícios femininos’ da época. Outras crianças virão completar o cenário: os dois irmãos – o Luís e a Guida; a Mafalda, por quem Leovigildo sente uma ternura especial; o Valentim, um tanto enfatuado, por se considerar o melhor aluno; e, por fim, o Augusto, neto do Senhor Fernando, o jardineiro da família. Leovigildo e sua mãe ajudá-lo-ão a ultrapassar as dificuldades de aprendizagem, contribuindo para o seu aproveitamento escolar, sugerindo, deste modo, ao leitor que é um dever ‘cívico’ e ‘ético’ apoiar quem tem poucos recursos financeiros e um limitado *background* cultural. Tal como acontece com Joaquim, no livro anterior, também aqui está vincado o modo utópico da escrita de Maria do Carmo Rodrigues, não apenas como uma mera idealização, mas como atitude dinamizadora de um mundo verdadeiro, socialmente unido e fraterno. As aventuras anotadas por Leovigildo registam as múltiplas experiências do grupo e as inúmeras pequenas desavenças entre os irmãos. Querelas sempre resolvidas, uma vez que a autora promove a vivência próxima e equilibrada. Com o intuito de se (con)formarem na seriedade, na fraternidade e na moderação, os protagonistas devem atingir uma conformação respeitadora das diferenças de modo a fomentarem o diálogo intra e inter geracional que os pais tanto prezam. Devem, pois, ir ao encontro de uma cultura dos afectos, do empenho e da construção salutar. Até alcançarem esse “feitio novo” (expressão usada pela mãe), os dois irmãos, acompanhados por Mel, o gato e Nikita, o pastor alemão, aventuram-se pela cozinha, pelo jardim, pela

quinta num emaranhado de “invenções” próprias da idade. Valoriza-se, sobretudo, o empenho e o sentido ético de Leovigildo na reposição de um bem danificado por brincadeiras irreflectidas (“A triste operação da boneca Ritinha”); foca-se os perigos da condução de um automóvel por jovens inexperientes (“A primeira vez e a última que peguei num carro”); destaca-se a importância da higiene e da participação colectiva numa sociedade regrada e ecológica (“Os cartazes da Susana e os cartazes da mãe”). A última narrativa, “As notas, a bicicleta, a grande novidade”, retrata, ainda, de forma sumária, a família dos protagonistas. O pai nasceu na Madeira, casou no Continente onde se estabeleceu. Se, por um lado, a autora sustenta na sua escrita mobilidades e transferências sociais próprias de uma modernidade em metamorfose, por outro, não deixará de promover valores que de geração em geração se revela(ra)m essenciais. Por isso, os avós maternos acompanham as aventuras dos netos sem todavia substituírem os pais. Sempre presentes na educação das crianças, apesar de separados pelo mar, os avós madeirenses, António e Maria, costumam receber os netos nas férias de Verão, para nesse convívio fortalecerem as ligações familiares e identitárias.²

A Jóia do Imperador, vindo a lume em 1992, constitui o terceiro livro desta cadeia de aventuras com vínculos familiares. Configura uma narrativa de tipo policial, muito em voga no Portugal dos anos noventa. Os vinte e nove capítulos dão conta das férias de Paulo e de seus pais na ilha da Madeira. A viagem, que reforçará o elo às raízes e às memórias matriciais, constitui a ocasião para a mãe rever a família e a terra natal³. Será também a oportunidade para o jovem protagonista desvendar o mistério do roubo da jóia que pertenceu a Carlos I de Habsburgo, o último imperador da Áustria. Na quinta do Monte – onde decorreram as aventuras de Diogo, Isabel e Ana em *O Vencedor* – dois pretensos estudiosos da vida e obra do imperador austríaco conseguem subtrair a jóia

² Recordemos que no final do livro *O Vencedor* os avós se encontram em Lisboa aquando da aventura marítima de Diogo, da doença de Ana e da responsabilidade que Isabel alcançou. Em *A Jóia do Imperador*, a escritora esclarece as ligações familiares ao primeiro livro da sua autoria. Paulo é também primo de Leovigildo e de Susana.

³ Saberemos em *A Mensagem Enigmática* que se trata de uma última tentativa de reconciliação para os pais do protagonista.

que este oferecera ao bisavô de Dona Luísa, em sinal de agradecimento. Movido pela ânsia de descobrir a verdade, Paulo irá fazer justiça. Assim, no regresso a Lisboa, ele consegue desvendar o crime. Com a ajuda do comandante da TAP e da polícia judiciária portuguesa, os dois ladrões e a cúmplice serão entregues à INTERPOL. Contudo, há que salientar outros motivos relevantes da escrita de Maria do Carmo Rodrigues. Por um lado, esta primeira estada na terra da mãe revelará ao protagonista toda a riqueza do lugar – uma paisagem deslumbrante, um fim de ano memorável com as iluminações natalícias e com o seu esplêndido fogo-de-artifício e os inúmeros museus que podem ser visitados. Por outro, tal como acontece nos dois livros anteriores da autora, os vectores da amizade, do companheirismo familiar e da solidariedade ocupam um lugar de destaque. A ajuda do Dr. João, tio do protagonista, a Manuel, filho dos caseiros, ilustra essa ética que a escritora sempre procurou transmitir ao longo da sua produção. Com efeito, será dada a Manuel a possibilidade de estudar no Colégio dos Salesianos para alcançar um futuro melhor. À semelhança do irmão Joaquim, que evoluiu em *O Vencedor*, também este jovem poderá mover barreiras sociais e derrubar obstáculos.

Os vinte e um capítulos que compõem *A Mensagem Enigmática* dão continuidade às aventuras de Paulo. Numa empolgante história policial, o herói deste livro publicado em 1993 terá que desvendar novamente um furto. Este incidente recorda que a sociedade contemporânea está cada vez mais pautada pela dissonância, pela ganância e pelo atropelo. Com Leo e Susana, as personagens principais de *Chamo-me Leovigildo*, o rapaz conhecerá múltiplas experiências vividas em atmosfera de *suspense*. Sublinhe-se que o espírito indagador de que fez prova no deslindar do roubo da jóia do Imperador na Madeira atinge aqui o seu clímax. Para além de espelhar as vivências por vezes conflituosas dos subúrbios de Lisboa, esta narrativa expõe, igualmente, a problemática das famílias recompostas. Moldando-se às disforias da nossa actualidade, este livro revela que Paulo deve compreender a dura realidade do divórcio dos pais. O pai apaixonou-se por Marta, que também tem uma filha, Carolina, fruto de um anterior casamento e que, por coincidência, é amiga de Leo e Susana. A vida deve, naturalmente, prosseguir o seu rumo (“O amor não dura sempre, depois vem a amizade, o pai e eu seremos sempre amigos”

[p. 14]) com o apoio de ambos os progenitores e o companheirismo de Leo e Susana, primos de Diogo e Isabel. Se a mãe se entrega ao trabalho para ultrapassar a desilusão, o pai parece renascer com a segunda paixão. Paralelamente à gestão destas novas cartografias afectivas, Paulo indaga o misterioso comportamento de Pedro Duro. Rapaz de origem africana, o seu colega revela-se pouco inserido num meio escolar que começa a dar os primeiros passos para um sistema educativo integrante e multicultural. Contrariamente ao perfil do delinquente João Negrão, o jovem desenraizado não alimenta conflitos nem confusões. Contrastando com o cliché do Negro desestabilizador, a figura de Pedro Duro representará a defesa de uma (re)nova(da) convivência intercultural. Assim, a escrita de Maria do Carmo Rodrigues sustenta a leitura de Margarida Morgado:

todos os estudos comprovam o potencial educativo da literatura infantil para a promoção do diálogo intercultural, para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o mundo e para a promoção educativa tanto da tolerância em relação aos que são percebidos como diferentes como de solidariedade para com os que sofrem qualquer tipo de marginalização ou esquecimento nas sociedades contemporâneas.

(Morgado, 2010: 18)

Com efeito, o protagonista irá descobrir que o jovem é vítima de um pai problemático. Para tranquilizar os seus desassossegos e as suas preocupações, o jovem exilado optou pela escrita e pela solidão. *A Mensagem Enigmática* constitui-se, pois, como uma narrativa de análise sociológica de uma época: refere as condições de acolhimento dos retornados; foca os chamados “bairros problemáticos” da Grande Lisboa; sublinha as vivências conflituosas de grupos marginais, a emergência de culturas de uma minoria, por vezes, incompreendida e a afirmação de outros códigos de conduta. Neste universo em que se entrecruzam, através de laços de família, lugares e personagens, o protagonismo recaiu, conforme os padrões literários vigentes, sobre o rapaz (nomeadamente Diogo, Leo e Paulo) corajoso, com espírito de iniciativa e de bom coração, capaz de ouvir os bons conselhos que as entidades femininas, algumas mais reflectidas, costumam dar (a irmã, a amiga, a mãe).

A par destes formatos narrativos mais apelativos, a autora publicou, ainda, um livro com recorte mais intimista, como se de uma passagem de testemunho se tratasse, destinado à jovem adolescente que desperta para os sentidos e que se distancia, paulatinamente, do poder familiar. Neste sentido, *À Porta do Teu Coração*, editado em 1988, desvenda os primeiros segredos e as primeiras dúvidas existenciais. A epígrafe que abre o livro vem, assim, firmar um pacto de leitura: “The adolescent time is a daydreaming time”. Poder-se-á compreender a primeira narrativa desta compilação como um prefácio orientador para as narrativas que compõem este projecto literário. Com efeito, recorrendo a uma linguagem imagética e à alegoria, em *À Porta do Teu Coração*, a voz do texto trata de desvendar o que mais interpela estas idades, com particular destaque para o medo, a maldade, a ternura, a amizade e o amor. Habitado por sentidas lembranças e projectos sonhados, o adolescente deverá saber escolher a via certa, numa encruzilhada de várias situações, por vezes, distópicas. Dirigida a uma leitora (“Estás a preparar-te seriamente para ser uma mulher consciente da tua missão” (Rodrigues, 1988: 11), a escrita propõe então que se afastem as disforias, promovendo uma cartografia dos afectos, a compreensão dos mais velhos, a confiança nos progenitores e compaixão para com os necessitados, em particular com as crianças sem lar e com os idosos abandonados. Nesta obra, a autora refere, ainda, a idealização dos entes queridos (“Tia Helena”); menciona as escolhas que devem ser feitas para combater preconceitos sociais e de casta (“Sofia e os seus domínios”); exalta, sobretudo, os primeiros e efémeros enamoramentos (“Uma ilha chamada Laura outra chamada Sérgio”, “Nota de música”, “Lúcia, Bernardo e C^a, Lda”, “Muito, pouco ou nada”, “Que bom é ter um cão”). Porém, a sua escrita não é feita de idílios simplistas. Com efeito, em “O jantar”, cuja narrativa assinala três ocasiões especiais – o aniversário da protagonista, a oficialização do seu namoro com Miguel, bem como as comemorações do casamento dos pais –, a voz narradora revela que as aparências iludem. Porém, apesar das traições do marido, a mulher conforma-se com a situação, subtraindo-se à emancipação do género feminino que caracterizará a nossa modernidade.

* * *

Movida por um sentido humanista, Maria do Carmo Rodrigues manifesta na sua escrita a vontade de moldar crianças e jovens com o intuito de os tornar homens dignos, preocupados em fazer o bem, atentos às vicis-

situações da vida e às necessidades do Próximo. Para além da linguagem cuidada, concisa e ajustada ao leitor, a autora incorpora nos seus livros de recepção infanto-juvenil um conjunto de ideologias e valores éticos e morais indispensáveis para uma adequada preparação para a vida adulta. Só assim o mundo da infância e da juventude em devir poderá defender uma sociedade atenta, reflexiva e geradora de concórdia.

À semelhança da produção literária de Luísa Ducla Soares que explora “a convivência social, a harmonia possível na diferença, a aceitação do Outro, a crítica social (ao materialismo, à sociedade de consumo, ao racismo, por exemplo)”⁴, a escrita de Maria do Carmo Rodrigues também exalta relacionamentos autênticos, solidários e afectivos, motores de uma sociedade mais humana e fraterna. Não descurando a vertente lúdica que os textos dirigidos aos mais jovens comportam, a sua obra permite a consciencialização progressiva dessa nova (con)formação através de uma escrita que está próxima da Pedagogia, da Ética e da Essência.

Bibliografia activa:

Maria do Carmo Rodrigues

_____, (2005) *Aventuras de Chico Aventura*. Lisboa: Vega. (Ilustrações de Frederico Penteadó).

_____, (2003) *Estou a Crescer*. Lisboa: Novolivro. (Ilustrações de Joana Campante).

_____, (2002) *João Gomes do Gato*, Lisboa: Vega. (Ilustrações de Raul Pestana).

_____, (2002) *Tiago Estrela*. Lisboa/São Paulo: Difusão Verbo. (Ilustrações de Paula Marques) [Col. “Ler é crescer: histórias e lugares”]

_____, (1988) *O Jardim de Rosalina e Outras Histórias*. 2ª ed., Lisboa: Editorial Verbo. (Ilustrações de Fernando Bento) [Col. “Picapau”, nº 27]

_____, (1993) *A Mensagem Enigmática*. Lisboa: Editorial Presença. (ilustrações de Teresa Cruz Pinho). [Col. “À descoberta”, nº 9]

⁴ V., por exemplo, José António Gomes, Sara Reis da Silva e Ana Margarida Ramos, “Multiculturalismo, identidades permeáveis e literatura infanto-juvenil”, p. 1, in www.casadaleitura.org [consultado a 04/08/2010].

- _____, (1992) *A Jóia do Imperador*. Lisboa: Editorial Presença. (Ilustrações de Irene Lucília). [Col. “À descoberta”, nº 2]
- _____, (1990) *Chamo-me Leovigildo. Páginas de um Jornal*. Lisboa: Vela Branca. 1ª ed. 1974. (Ilustrações de Constança Lucas).
- _____, (1988) *À Porta do Teu Coração*. Lisboa: Vela Branca.
- _____, (1982) *Sebastião, o Índio: novela infantil*. Funchal: Ilhatur. (Ilustrações de Dina Pimenta) [Col. “Canoa”, nº 5]
- _____, (1980) *Camélias Brancas: novela infantil*. Funchal: Ilhatur. (Ilustrações de Dina Pimenta). [Col. “Canoa”, nº 3]
- _____, (1973) *O Vencedor*. Lisboa: Ática. (Ilustrações de Joaquim Fernando) [Col. “Livros para a juventude”]
- _____, (1964) *Dona Trabucha, a Costureira Bucha*. Lisboa: Portugália Editora. (Ilustrações de Eugénia Noronha)

Bibliografia passiva

- Gomes, José António (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e Juventude*. Lisboa: Instituto Português do Livro.
- Gomes José António, Sara Reis da Silva e Ana Margarida Ramos (2010). “Multiculturalismo, identidades permeáveis e literatura infanto-juvenil”, p. 1, in www.casadaleitura.org [consultado a 04/08/2010].
- Morgado, Margarida (Julho 2010). “Literatura infantil e interculturalidade: preparar os leitores para a vida”, in *Educareducere*, Ano XIV, Edição Fora de Série.
- Zilberman, Regina (1987). *A Literatura Infantil na Escola*. São Paulo: Global Editora.